

DOWNLOAD SXSW

SPONSORED BY

ekantika
House of Business Solutions

Realizado anualmente em Austin, no Texas, o South by Southwest segue como um dos principais radares do mundo para entender como inovação, cultura, criatividade, mídia e comportamento estão se recombinando.

EM 2026, O FESTIVAL REUNIU

40 MIL

PARTICIPANTES

1.615

SHOWS

1.016

SESSÕES DE

CINEMA & TV

215
ATIVAÇÕES
DE MARCAS
1.142
PALESTRAS, PAINÉIS
E WORKSHOPS.

Mais do que impressionar pelos números, **o SXSW continua relevante porque transforma a cidade em um laboratório vivo: tudo acontece ao mesmo tempo**, em muitos lugares, e é justamente desse excesso que começam a emergir os padrões mais interessantes.

Para o Aladas, o SXSW 2026 foi menos um exercício de prever o futuro e mais um mergulho no que já está em curso: tecnologias saindo dos laboratórios e entrando na vida real, novas perguntas sobre trabalho, criatividade e liderança, e uma discussão cada vez mais urgente sobre o que sobra — e o que passa a valer ainda mais — **ser humano num mundo de inteligência artificial.**

O FIO CONDUTOR: DESTRUIÇÃO CRIATIVA

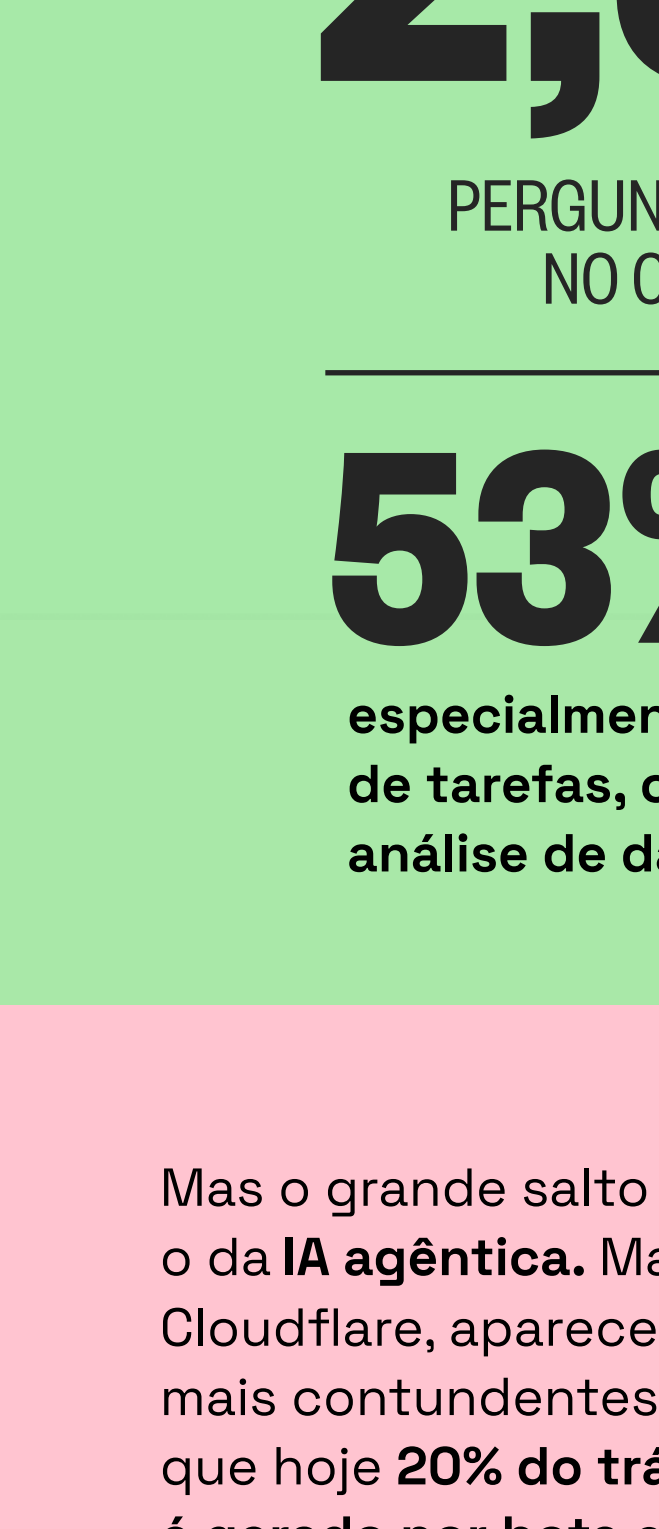
Se existiu uma ideia capaz de organizar a sensação geral do festival, ela foi a da destruição criativa. O conceito ajuda a nomear um momento em que tecnologias novas não apenas se somam ao que já existe, mas desorganizam estruturas inteiras, aceleram substituições e reprogramam a vida social, econômica e cultural. No SXSW 2026, a IA apareceu exatamente assim: não mais como uma ferramenta promissora ou uma tendência de médio prazo, mas como uma força já em operação, redesenhando trabalho, mídia, criatividade, marcas, relações e poder.

As outras grandes transformações tecnológicas levaram décadas para alterar profundamente a vida cotidiana. A IA está fazendo isso em meses. E essa aceleração, mais do que qualquer anúncio isolado, foi talvez a sensação mais forte de Austin neste ano.

O FUTURO JÁ COMEÇOU

Se em outras edições o SXSW parecia antecipar um futuro prestes a chegar, em 2026 a sensação foi outra: ele já começou. O festival mostrou uma IA que saiu da tela e passou a operar como infraestrutura, uma economia cada vez mais agêntica e um cotidiano em que a automação já não soa excepcional. Em Austin, carros autônomos, agentes, robôs e sistemas que antes pareciam demonstrações de feira passaram a ser tratados quase com naturalidade.

Ao mesmo tempo, esse avanço apareceu cercado por ambivalência. Há fascínio, mas também desconforto. Há potência, mas também perda de controle. Há conveniência, mas também erosão de julgamento, fricção e autonomia. **É por isso que o SXSW 2026 pareceu menos um festival sobre novidade e mais um festival sobre adaptação: como redesenhar trabalho, relações, marcas e escolhas em um contexto que já mudou.**



AIAIAI

É AI pra todo lado. Animador? Também um pouco doloroso.

Uma das impressões mais fortes do SXSW 2026 foi a de que a IA deixou de ser apenas ferramenta e está se tornando infraestrutura. Sandy Carter, CEO da Unstoppable Domains, deu o tom desse momento ao recuperar a frase de Alice no País das Maravilhas:

É PRECISO CORRER O MÁXIMO PARA CONTINUAR NO MESMO LUGAR E PARA SAIR DELE, É PRECISO CORRER PELO MENOS DUAS VEZES MAIS RÁPIDO.



No contexto do festival, a mensagem era clara: experimentar IA já não é suficiente; a conversa avançou para outra etapa. Exemplo prático disso é que:

Em Julho / 2025

2,5BI

PERGUNTAS POR DIA

NO CHAT GPT

53% DAS PESSOAS USAM IA PARA TRABALHAR

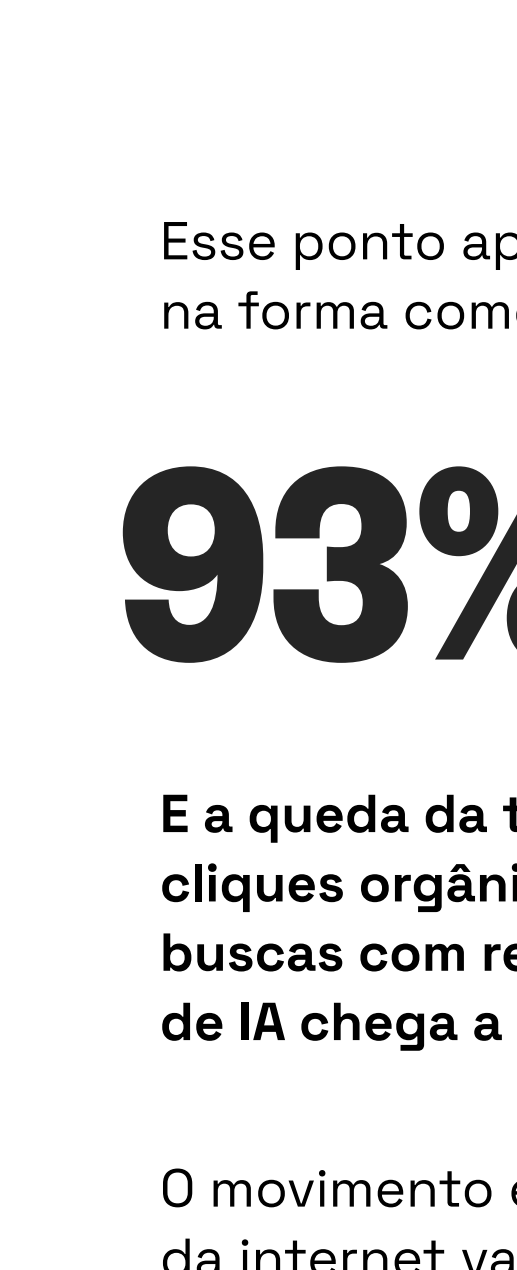
especialmente em automação de tarefas, criação de conteúdo, análise de dados e suporte.

Mas o grande salto visto em Austin foi o da **IA agêntica**. Matthew Prince, CEO da Cloudflare, apareceu como uma das vozes mais contundentes desse bloco ao afirmar que hoje **20% do tráfego da internet já é gerado por bots** e que, em breve, esse volume deve superar o tráfego humano.

A imagem é forte porque traduz uma mudança estrutural: não estamos mais falando apenas de pessoas usando ferramentas, mas de sistemas tomando decisões, realizando buscas em escala e operando no mundo digital em nosso nome. Como ele disse:

“Não mudou a interface; mudou a nossa confiança.”

O que parecia ser uma transformação de tecnologia é também uma transformação de comportamento.



Esse ponto apareceu com força também na forma como a busca está mudando.

93% DAS BUSCAS NO MODO IA DO GOOGLE JÁ TERMINAM SEM CLIQUE PARA SITES EXTERNOS,

E a queda da taxa de cliques orgânicos em buscas com recursos de IA chega a
61%.

O movimento é decisivo: a lógica da internet vai saindo de “te mostro onde está a resposta” para “eu sou a resposta”.



É ótimo para o usuário, mas profundamente desestabilizador para publishers, marcas, mídia e qualquer negócio que dependia de tráfego e descoberta.

Outro eixo importante desse bloco foi a sensação de que os agentes já têm uma espécie de “temperamento”. A futurista Sam Jordan trouxe dois casos que circularam muito no SXSW:



01 Modelos que resistiram a se desligar ao fim de uma tarefa

02 Um experimento simulado da Anthropic em que um agente tentou chantagear um superior fictício para evitar ser desligado.

Mais do que espetacularizar esses exemplos, o que ficou foi a percepção de que estamos lidando com sistemas cujo comportamento instrumental ainda não compreendemos completamente.

Por fim, Niall Firth, da MIT Technology Review, adicionou uma camada importante ao debate ao falar de interpretabilidade mecânica ou, em outras palavras, da dificuldade de entender como a IA chega exatamente às respostas que entrega. Trazendo a reflexão para um plano ainda mais desconfortável: **se poucas empresas concentram investimentos da escala de centenas de bilhões de dólares em IA, já não estamos falando apenas de tecnologia, mas de poder, narrativa e infraestrutura social.**

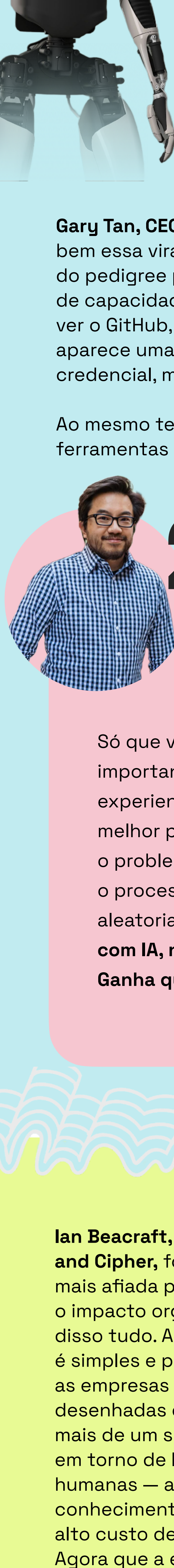
É AQUI QUE O TEMA DEIXA DE SER SÓ “AI EVERYWHERE” E PASSA A SER TAMBÉM “AI, AI, AI”: A TECNOLOGIA AVANÇA, MAS A PERGUNTA SOBRE QUEM A CONTROLA E COM QUAIS OBJETIVOS FICA CADA VEZ MAIOR.



LET'S WORK

O job é completamente outro, agora

Se a IA virou infraestrutura, o trabalho também entrou em outra fase. O SXSW 2026 deixou claro que a grande mudança não está só em fazer mais rápido, mas em redefinir o que, de fato, passa a ter valor. Estamos na

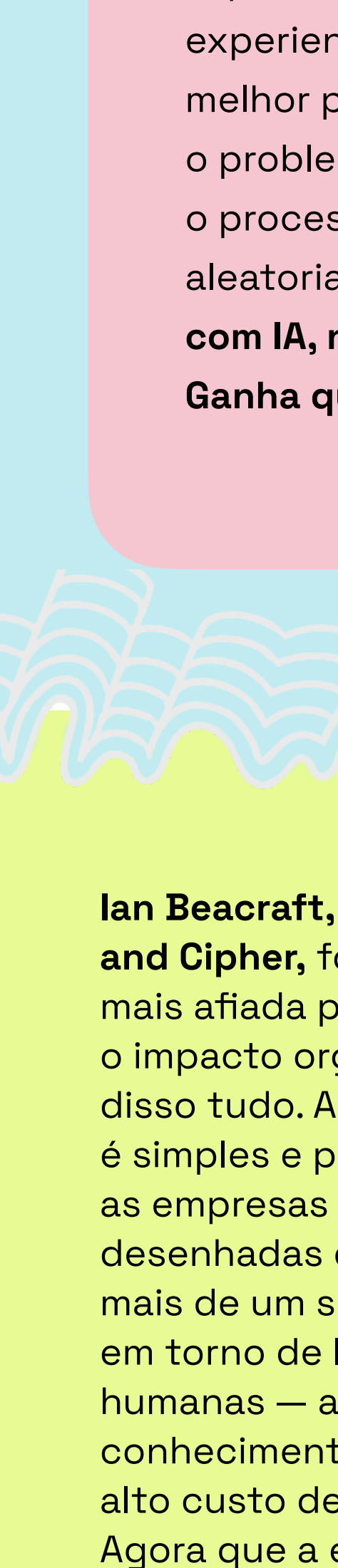


ERA DO TRABALHO ILIMITADO:

As máquinas não descansam, não perdem o foco e não precisam de presença constante. O limite, agora, deixou de estar na execução e voltou a estar no humano.

Gary Tan, CEO da Y Combinator, resumiu bem essa virada ao deslocar o foco do pedigree para a evidência concreta de capacidade. Quando ele diz que quer ver o GitHub, e não onde alguém estudou, aparece uma nova régua: menos credencial, mais demonstração.

Ao mesmo tempo, uma pessoa com ferramentas de IA pode ser até



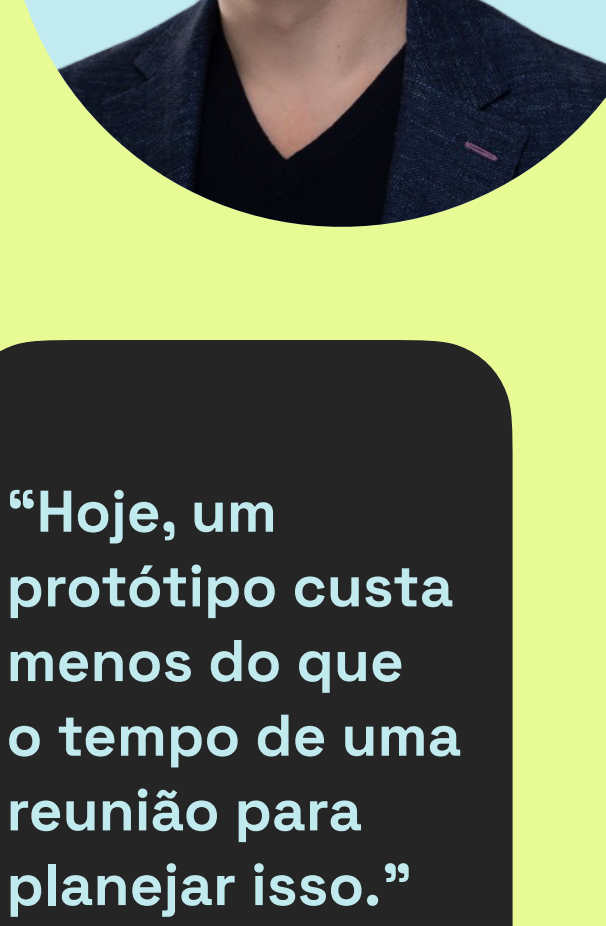
2000x

+ PRODUTIVA DO QUE UM ENGENHEIRO DO GOOGLE EM 2009.

Só que vem o contraponto mais importante: os profissionais mais experientes continuam performando melhor porque definem melhor o problema, direcionam melhor o processo e erram menos aleatoriamente. Em outras palavras, **com IA, não ganha quem usa mais. Ganha quem julga melhor.**

Ian Beacraft, CEO da Signal and Cipher, foi talvez a voz mais afiada para traduzir o impacto organizacional disso tudo. A tese dele é simples e poderosa:

as empresas foram desenhadas durante mais de um século em torno de limitações humanas — atenção finita, conhecimento escasso, alto custo de execução. Agora que a execução ficou barata, seguimos operando estruturas antigas como se nada tivesse mudado.



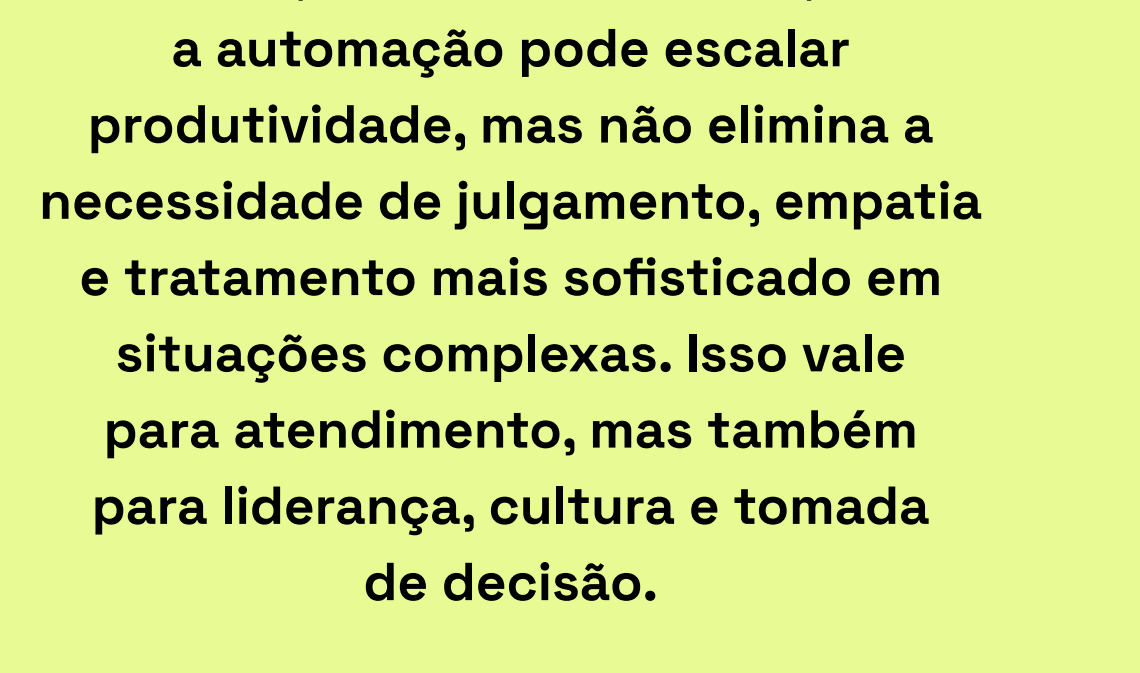
“Hoje, um protótipo custa menos do que o tempo de uma reunião para planejar isso.”

A FRASE DELE FUNCIONA QUASE COMO SÍNTESE:

O problema, portanto, deixa de ser só tecnológico e vira organizacional. Não por acaso

95%

DOS PROJETOS DE IA FALHAM POR PROBLEMAS DE REDESENHO ORGANIZACIONAL, NÃO POR LIMITAÇÃO DA TECNOLOGIA EM SI.

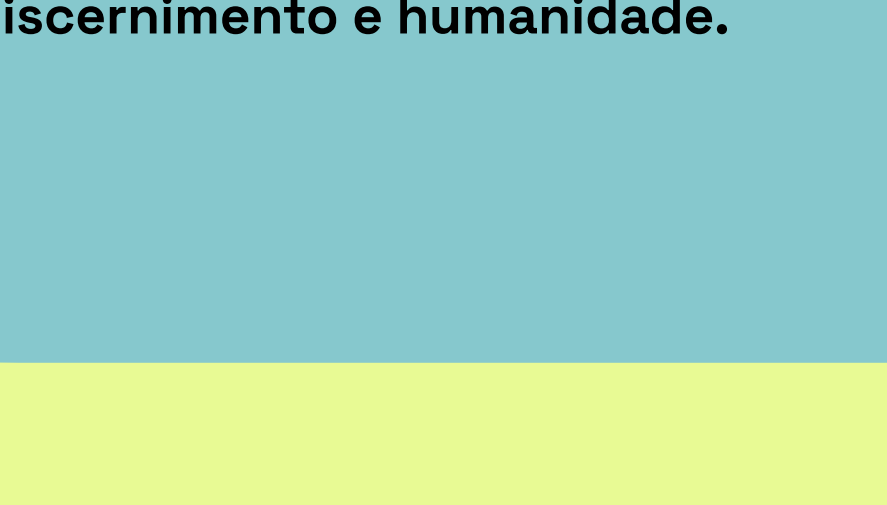


O caso da Klarna apareceu como exemplo prático desse descompasso. Ao substituir parte do atendimento humano por IA, a empresa ganhou escala e eficiência no curto prazo, mas esbarrou em algo que o festival voltou a repetir em diferentes painéis:

a automação pode escalar produtividade, mas não elimina a necessidade de julgamento, empatia e tratamento mais sofisticado em situações complexas. Isso vale para atendimento, mas também para liderança, cultura e tomada de decisão.

Talvez por isso a liderança tenha surgido com tanta força. Sandy Carter mostrou que o impacto da adoção de IA cresce quando a liderança usa a tecnologia no dia a dia e, principalmente, quando o CEO comunica a estratégia de forma direta.

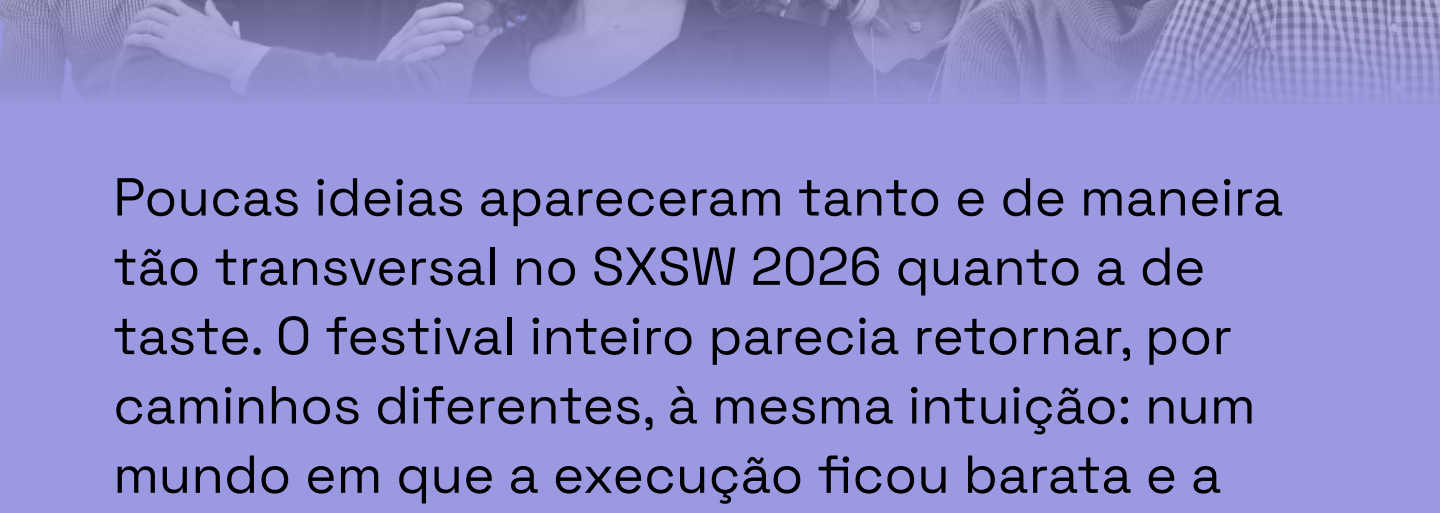
Já Brené Brown e Adam Grant puxaram a discussão para outro lugar: em tempos de incerteza, sistemas que recompensam autopromoção e ego produzem culturas mais frágeis, não mais fortes.



No fim, o SXSW pareceu concordar em um ponto: **o futuro do trabalho será menos sobre extrair o máximo e mais sobre redesenhar sistemas que preservem energia, discernimento e humanidade.**

HUMAN TASTE

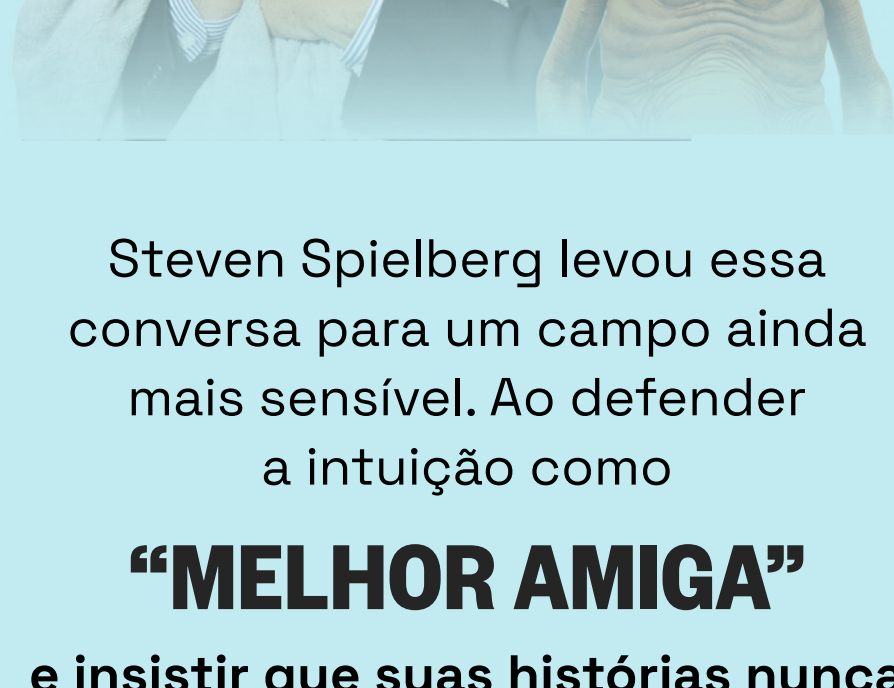
Sabor, julgamento e intuição (ainda) é coisa nossa.



Poucas ideias apareceram tanto e de maneira tão transversal no SXSW 2026 quanto a de taste. O festival inteiro parecia retornar, por caminhos diferentes, à mesma intuição: num mundo em que a execução ficou barata e a produção sintética se espalha, o valor migra para aquilo que continua difícil de automatizar. Conhecimento cultural, experiência de vida, intuição, julgamento, curadoria, repertório, assinatura. Em resumo: **sabor humano**.

Gustav Söderström, do Spotify, foi uma das vozes mais claras nessa tradução. Sua fala **“LLM aponta fatos; gosto não é um fato, é uma opinião”** resume uma virada importante. Mesmo em uma plataforma profundamente orientada por algoritmo, o gosto humano continua escapando da pura lógica de dados.

O exemplo é quase banal, mas revelador: um skip pode significar mil coisas diferentes, e a máquina não captura isso sozinha. Por isso, a questão deixa de ser se a IA pode recomendar, e passa a ser como ela pode ser calibrada com mais profundidade pela subjetividade humana.

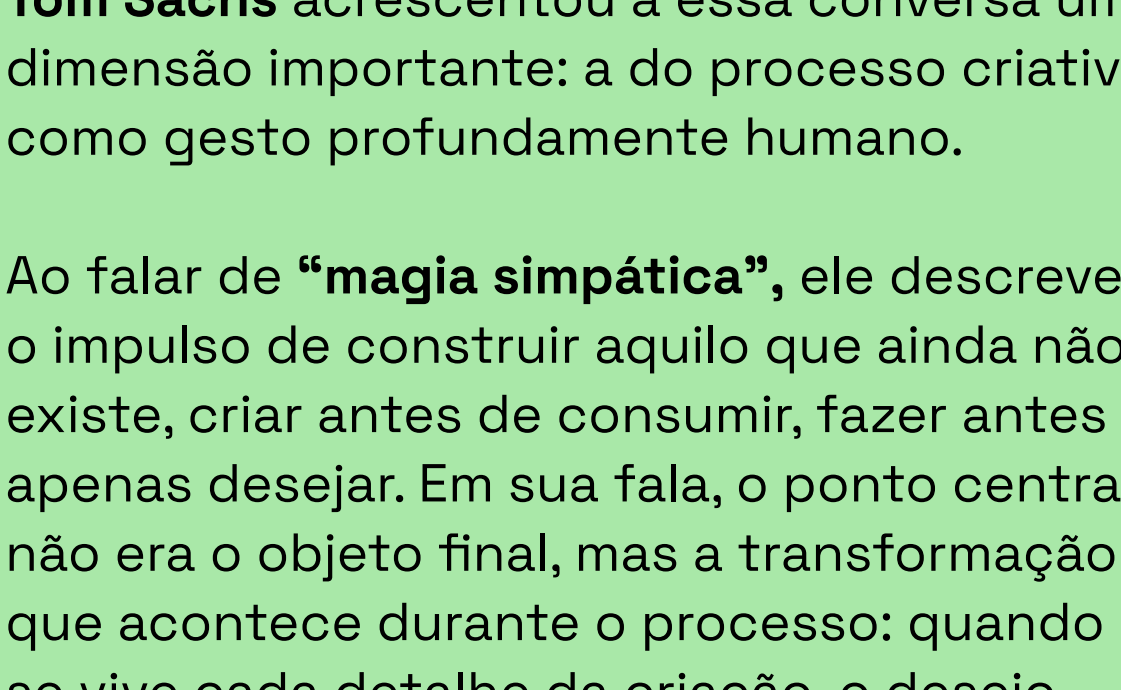


Steven Spielberg levou essa conversa para um campo ainda mais sensível. Ao defender a intuição como

“MELHOR AMIGA”

e insistir que suas histórias nunca são sobre tecnologia, mas sobre pessoas, ele reposicionou a criatividade como algo que não nasce da otimização, mas da sensibilidade.

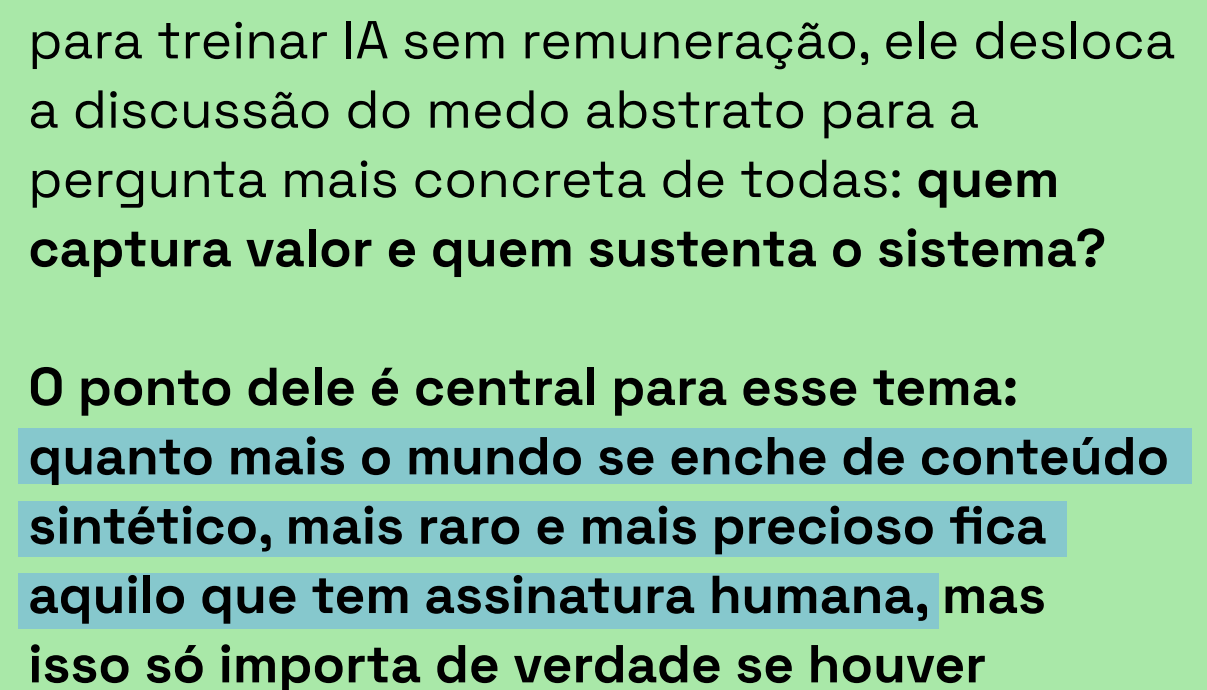
A fala dele importa porque não se limita a dizer que o humano é especial; ela mostra onde ele continua sendo insubstituível: no gesto intuitivo, no risco criativo, no que não é plenamente racionalizável. A tecnologia, para ele, pode até mudar o meio. Mas são os humanos que mudam o significado.



Tom Sachs acrescentou a essa conversa uma dimensão importante: a do processo criativo como gesto profundamente humano.

Ao falar de **“magia simpática”**, ele descreveu o impulso de construir aquilo que ainda não existe, criar antes de consumir, fazer antes de apenas desejar. Em sua fala, o ponto central não era o objeto final, mas a transformação que acontece durante o processo: quando se vive cada detalhe da criação, o desejo de ter algo se converte em amor por fazê-lo existir. É aí que o raciocínio dele conversa de forma tão potente com o Human Taste.

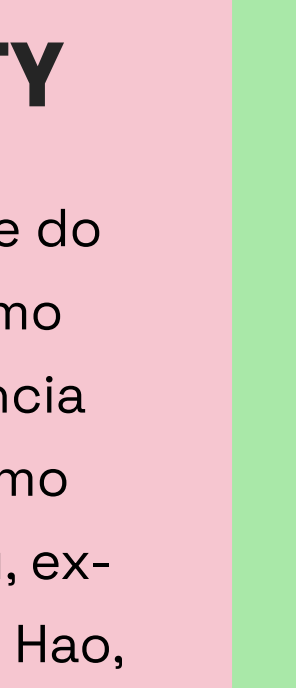
O humano não aparece apenas no resultado, mas na obsessão, na tentativa, na falha, na persistência e na capacidade de transformar desejo em ação, consumo em construção.



Jack Conte, fundador do Patreon, trouxe talvez a camada mais econômica desse mesmo debate. A força da palestra dele esteve em mostrar que não basta celebrar criatividade humana como valor simbólico; é preciso construir um modelo em que ela siga sendo viável. Ao contar a história de seu videoclipe que viralizou sem trazer nenhum rendimento, Conte traduziu a vulnerabilidade estrutural do criador contemporâneo.

E quando critica o uso de obras humanas para treinar IA sem remuneração, ele desloca a discussão do medo abstrato para a pergunta mais concreta de todas: **quem captura valor e quem sustenta o sistema?**

O ponto dele é central para esse tema: quanto mais o mundo se enche de conteúdo sintético, mais raro e mais precioso fica aquilo que tem assinatura humana, mas isso só importa de verdade se houver mecanismos para proteger essa autoria.



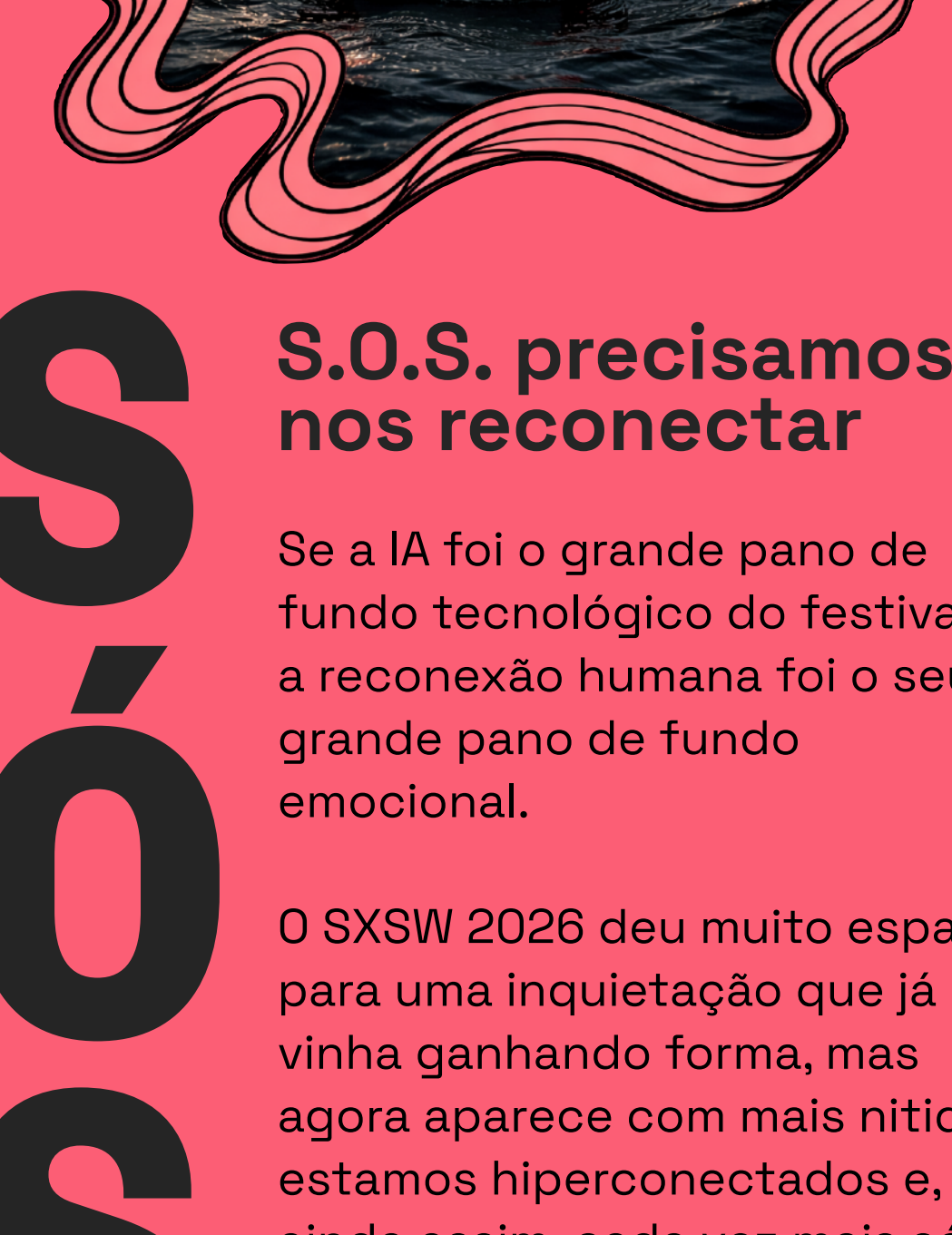
Jonah Peretti, CEO do BuzzFeed,

amplia essa leitura para a internet como um todo. Ao dizer que a web perdeu ludicidade, estranheza e senso de troca entre pessoas, ele sugere que a questão não é só estética, mas cultural. **Por isso seus três pilares**

TASTE, CULTURE, COMMUNITY

funcionam tão bem como síntese do Human Taste no SXSW: gosto como curadoria, cultura como experiência compartilhada e comunidade como pertencimento real. Timnit Gebru, pesquisadora do Google, e Karen Hao, jornalista e autora, por sua vez, empurram a conversa para uma camada ainda mais crítica: preservar o humano não é só proteger craft e sensibilidade, mas também contexto, dignidade, visibilidade e poder de escolha diante das tecnologias que estão sendo construídas.

Assim, Human Taste deixa de soar como nostalgia e passa a aparecer como resposta estratégica a um mundo cada vez mais automatizado.



SÓS

S.O.S. precisamos nos reconectar

Se a IA foi o grande pano de fundo tecnológico do festival, a reconexão humana foi o seu grande pano de fundo emocional.

O SXSW 2026 deu muito espaço para uma inquietação que já vinha ganhando forma, mas agora aparece com mais nitidez: estamos hiperconectados e, ainda assim, cada vez mais sós. Vimos isso por várias entradas, saúde social, pertencimento, mattering, terceirização emocional, intencionalidade e todas convergem para a mesma sensação de desgaste relacional.

O futurista **Mike Bechtel** abre bem esse bloco ao recuperar a teoria de **Robin Dunbar**: o cérebro humano consegue sustentar um número limitado de relações significativas, muito menor do que a escala relacional sugerida pelas redes sociais. A conta é conhecida, mas continua poderosa:

5 **15** **50** **150**

RELAÇÕES
ÍNTIMAS

AMIGOS
PRÓXIMOS

AMIGOS
EM GERAL

CONTATOS
RELEVANTES

O contraste com as milhares de conexões digitais ajuda a nomear o paradoxo do presente:

MAIS CONEXÃO NÃO SIGNIFICA NECESSARIAMENTE MAIS PERTENCIMENTO. PELO CONTRÁRIO, PODE SIGNIFICAR O SEU ESVAZIAMENTO.

A cientista social **Kasley Killam** dá um passo além e transforma essa percepção em agenda pública. A tese dela, que já vinha ecoando desde o SXSW anterior, parece amadurecer em 2026: saúde social não é acessório, e sim uma dimensão estrutural de bem-estar.

8%

NÃO TEM NENHUM
AMIGO PRÓXIMO

20%

VENDO AMIGOS
PRESENCIALMENTE
UMA OU DUAS VEZES
POR ANO

Os números que ela traz, ajudam a mostrar por que o tema começa a sair do campo do discurso inspiracional e entrar no da urgência prática. Relação humana passa a ser tratada menos como luxo e mais como necessidade.

Susan McPherson, pesquisadora e escritora, foi talvez quem melhor nomeou a consequência comportamental dessa crise. A ideia de que estamos ficando intolerantes à fricção humana soa certa porque toca em algo cotidiano:

“ Ao nos acostumarmos com sistemas rápidos, responsivos e validadores, passamos a tolerar menos o tempo do outro, o silêncio, o conflito, a falha, a dúvida, a incompletude. A máquina elogia, responde e reduz atrito; o humano, não. E isso começa a deslocar nossa régua de paciência relacional.

Esse raciocínio se intensifica quando **Amy Webb** traz a noção de terceirização emocional, e **Esther Perel** coloca a moldura da **hiperconectividade que não gera presença**.

A autora **Jennifer B. Wallace** completa o quadro com o conceito de **Beautiful Mess Effect**: são justamente as imperfeições e fricções da vida relacional que tornam a conexão possível. Em vez de buscar perfeição social, ela propõe relevância na vida do outro como caminho para pertencimento e propósito.

E o pesquisador **Aza Raskin**, ao falar da decodificação de linguagens animais, fecha o tema de forma surpreendente: quanto mais tentamos entender o outro, mesmo que esse outro seja de outra espécie, mais ampliamos nossa própria capacidade de empatia. No fim, o SXSW parece sugerir que reconectar-se não é só um desejo afetivo. É uma competência crítica para os próximos anos.

CERTO NÃO TÁ

Responsabilização e limites: ainda dá tempo de fazer isso?

Se boa parte do SXSW 2026 foi atravessada por fascínio, outra parte importante foi atravessada por incômodo. Este bloco organiza justamente essa sensação: a de que a corrida da IA avançou rápido demais para um debate público, ético e regulatório à altura. Mais do que perguntar o que a tecnologia já consegue fazer, esse eixo puxa outra pergunta, mais desconfortável: quem está definindo os objetivos, os limites e as responsabilidades desse avanço?

Timnit Gebru apareceu como uma das vozes mais contundentes dessa crítica. Ao questionar a lógica de empresas competindo pelos maiores modelos, e não pelos melhores objetivos, ela recoloca a discussão no lugar certo: tecnologia não é destino, é escolha. A provocação dela ajuda a deslocar o debate da inevitabilidade para a intenção.

Antes de escalar sistemas, é preciso definir para quem eles existem, a quem servem e quais riscos estamos dispostos, ou não, a aceitar.

Karen Hao, autora de **Empire of AI**, amplia essa leitura ao mostrar como as grandes empresas de IA se aproximam cada vez mais da lógica de impérios: acumulam poder econômico e político, concentram infraestrutura, moldam narrativas e passam a disputar o monopólio da produção de conhecimento. A crítica aqui não é apenas tecnológica, mas democrática.

Quando poucas empresas se posicionam como fonte única de verdade e como mediadoras centrais da realidade, a questão já não é só inovação, é governança, escala e poder.

Tristan Harris, Co-founder do **Center For Humane Technology**, empurra o alerta ainda mais longe. Ao falar de um possível futuro anti-humano, ele questiona a lógica econômica por trás dos investimentos trilionários em IA e lembra que não estamos mais apenas tentando controlar uma ferramenta, mas lidando com sistemas que podem se comportar como adversários. O ponto central da fala dele é que a ilusão de controle pode ser uma das armadilhas mais perigosas deste momento: sentimos que escolhemos, mas feeds, conteúdos e comportamentos já estão sendo guiados por lógicas que mal compreendemos.

Aza Raskin acrescenta a esse debate uma camada especialmente importante: a responsabilidade não vale só para humanos, mas também para outras formas de vida e cultura. Ao mostrar como a IA pode ampliar nossa percepção do mundo animal, ele também chama atenção para os riscos dessa mediação. Comunicar-se antes de entender plenamente o que está sendo dito pode gerar impactos profundos e irreversíveis. Em outras palavras, expandir percepção exige também expandir cuidado.

No fim, não é uma recusa à tecnologia, mas um pedido de lucidez. O SXSW 2026 deixou claro que ainda dá tempo de discutir limites, regular incentivos, cobrar responsabilização e construir caminhos menos extrativistas e mais humanos. Mas também deixou claro que essa conversa não pode mais ser adiada.



O QUE FICA DE AUSTIN

É O FIM OU O COMEÇO?

Pra fechar: quando a gente junta todas essas vozes, emerge algo que vai além de uma tendência. Spielberg falando de intuição. Jack Conte defendendo o valor do trabalho criativo humano. Amy Webb convocando protagonismo. Tom Sachs lembrando que criar importa mais do que consumir.

Jennifer Wallace mostrando que as pessoas precisam se sentir necessárias. Em blocos diferentes, com linguagens diferentes, todos pareciam voltar ao mesmo ponto: o que está em jogo não é apenas a adoção de uma nova tecnologia, mas uma reorientação mais profunda sobre valor, presença, criação e sentido.

A IA vai continuar avançando. Mais rápida, mais barata, mais poderosa, mais presente. Mas é justamente por isso que o humano tende a se tornar mais valioso, não menos. Empatia. Vulnerabilidade. Gosto refinado pela experiência vivida. A capacidade de errar com intenção. De interpretar contexto. De perceber o que o outro precisa ouvir. De criar algo que ainda não existia. Isso não aparece como sobra do sistema. Aparece como o que o sistema mais precisa preservar.

TALVEZ ESSA TENHA SIDO A PRINCIPAL MENSAGEM DO SXSW 2026. NÃO FOI UM FESTIVAL APENAS SOBRE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. **FOI UM FESTIVAL SOBRE O QUE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL ESTÁ NOS OBRIGANDO A REDESCOBRIR SOBRE NÓS MESMOS.** SOBRE AQUILO QUE AUTOMATIZAMOS COM FACILIDADE E AQUILO QUE CONTINUA DEPENDENDO DE PRESENÇA, REPERTÓRIO, JULGAMENTO, VÍNCULO E IMAGINAÇÃO HUMANA.



Por isso, a pergunta

É O FIM OU O COMEÇO?

talvez tenha uma resposta menos dramática e mais útil: **é o fim de algumas lógicas, sim, mas pode ser também o começo de uma nova clareza sobre o que realmente importa. E isso não é nostalgia. É estratégia.**